

Práticas de escrita acadêmica e letramentos de resistência

Academic writing practices and resistance literacy

Djane Antonucci Correa  

djane@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Resumo

Neste ensaio, proponho discutir algumas conexões que podem ser estabelecidas entre letramentos acadêmicos e letramentos de resistência para revisitar práticas de escrita e abordagens sobre formação inicial de professores pesquisadores extensionistas de um Curso de Licenciatura em Letras. Para tanto, utilizo alguns relatos de experiência acerca de atividades propostas por duas professoras que ministraram a disciplina de Letramentos acadêmicos durante o ano de 2024 e trago as contribuições de duas acadêmicas para as reflexões, por meio dos ensaios autobiográficos que produziram como atividade de avaliação para conclusão da disciplina. Retomo alguns trabalhos anteriores (Correa, 2009, 2011, 2014, 2017, 2021) e mantenho o aporte teórico abalizado pela linguagem como ação e prática social. Ao concluir as discussões, vemos que o conjunto de práticas acadêmicas pode compor uma reconstrução, um continuum alimentado pelos afetos, que orientam, ou deveriam orientar, as nossas escolhas, a construção da nossa identidade acadêmica e, por conseguinte, a utilização dos gêneros acadêmicos para nossas reflexões sobre nossas identidades sociais. Assim, os letramentos de resistência têm seu lastro construído por meio do pertencimento e este, por sua vez, se constrói quando conseguimos aliar sonhos a projetos. Desse modo, os letramentos acadêmicos, em estágio inicial, podem ser uma das formas de alinhar letramentos de resistência com projetos de vida.

Palavras-chave

Letramento. Pertencimento. Práticas Acadêmicas. Práticas Sociais.

Abstract


In this essay, I propose a discussion of some connections that can be established between academic literacy and resistance literacy to address writing practices and approaches to the initial education of teachers as researchers and outreach agents in a language teaching course. To achieve this aim, I analyze some experience reports describing activities proposed by two professors who taught the academic literacy subject in 2024, along with two students' contributions to the reflections by means of autobiographic essays they produced as an end-of-course evaluation task. I resume some previous works (Correa, 2009, 2011, 2014, 2017, 2021) and keep the theoretical background based on language as social action and practice. The conclusion of the discussion shows that the set of academic practices can result in a kind of reconstruction, a continuum nurtured by affections that guide, or should guide our choices, the construction of our academic identity and, consequently, the use of academic genres in our reflections upon our social identities. Thus, resistance literacy is built up through belonging, which in

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 08/09/2024

Aprovação do trabalho: 22/11/2024

Publicação do trabalho: 20/03/2025

 10.46230/lef.v16i4.15206

COMO CITAR

CORREA, Djane Antonucci. Práticas de escrita acadêmica e letramentos de resistência. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.4, 2024. p. 148-162. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15206>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

turn, is built when we manage to align dreams and projects. Therefore, academic literacy, in its early stages, might be one of the ways of joining resistance literacy and life projects.

Keywords

Academic Practices. Belonging. Literacy. Social Practices.

Introdução

Experiências recentes trocadas em sala de aula na universidade podem trazer algumas provocações acerca de práticas sociais e educação, especificamente num curso de graduação cujo currículo recentemente passou por reformulação e que, portanto, se encontra em fase de implantação, iniciada em 2022. Entre as disciplinas ofertadas no Núcleo comum do Curso, está “Letramentos acadêmicos”, uma disciplina de 68h, ministrada em 2 aulas semanais no primeiro ano do Curso de Licenciatura em Letras e (4) linhas de formação: Português/Inglês, Português/Francês, Português/Espanhol e Português/Libras. O Curso oferta também disciplinas extensionistas a partir do segundo ano, de modo que o grupo de trabalho enfrenta os desafios já presentes em anos anteriores e agrega outros, vindos das exigências contemporâneas de formação profissional e humana.

Para concentrar as discussões em alguns apontamentos e preocupações destacadas nas primeiras semanas de aula do ano letivo de 2024, segue abaixo a ementa da disciplina de “Letramentos acadêmicos”, a qual complementa e busca atualizar a do currículo anterior, vigente entre 2015-2022, cujo título era “Leitura e produção de textos”.

EMENTA: *Usos sociais da escrita: Relações de poder e identidades sociais em práticas de leitura, interpretação e produção de gêneros acadêmicos. Descrição, análise e discussão da materialidade linguística nos processos de uso da língua nos gêneros acadêmicos: relato de experiência/autobiografia, resumo, resenha, ensaio, entre outros.*

Entre os vários desafios que se apresentam para receber calouras/os e estudantes que chegam por meio de vagas remanescentes, a permanência desses discentes até a conclusão do Curso é um destaque. O desinteresse pela formação superior tem aumentado em escala considerável, assim como a evasão, e as razões para isso têm sido pauta constante de discussão na comunidade acadêmica. Notadamente nos Cursos de Licenciatura, as razões para o esvaziamento das salas de aula despontam de forma incontestável e as justificativas e argumentos para a reafirmação e ampliação desse cenário não são poucas nem novas, de

modo que já poderiam ser consideradas lugar-comum. Nesse sentido, discutir coletivamente a construção das identidades sociais juntamente com a construção das identidades acadêmicas torna-se uma condição para a realização de um trabalho responsável e satisfatório de formação do professor/pesquisador/extensionista¹.

1 Sobre letramentos acadêmicos e letramentos de resistência

Em Correa (2011), apresentei alguns aspectos relacionados às configurações de escrita e identidade. Na ocasião, já revisitava trabalhos anteriores, entre os quais Correa (2009), e buscava ampliar as discussões sobre o tema, no trânsito entre a sala de aula dos ambientes acadêmicos e fatos do cotidiano que podem interessar ora a segmentos sociais mais específicos, ora a segmentos mais abrangentes, mas invariavelmente não se restringem aos muros da academia, uma vez que os interesses individuais sempre são atravessados pelos coletivos e vice-versa. Naquela ocasião, ressaltai que muitas vezes a comunidade acadêmica ignora esse fato seminal para nossa formação intelectual em nome de um pseudo-refinamento, algumas vezes improdutivo e irrelevante para a sociedade mais ampla. Como consequência, há o afastamento parcial ou total entre os pensadores “credenciados”, por assim dizer, e os demais seres pensantes.

Durante o ano de 2024, dividi o trabalho nas cinco turmas de primeiro ano da disciplina com outra professora². Fiquei com duas turmas de Letramentos acadêmicos e ela, com três. Desde o início das atividades, tivemos o propósito de envolver as/os acadêmicas/os na construção da disciplina em curso, de modo que sempre ressaltamos o protagonismo de discentes no sucesso (ou não) da proposta apresentada na ementa e no programa da disciplina, ressaltando sempre que este documento é um ponto de partida para a composição das atividades, incluindo referências bibliográficas, que deverão ser expandidas com o desenvolvimento das atividades e o comprometimento do grupo. Dessa maneira, ouvir estudantes sobre dificuldades, sugestões e criação de propostas acadêmicas e pedagógicas torna-se mais uma condição para boa condução do trabalho e cumprimento dos objetivos.

1 A partir de 2022, a grade curricular do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa inclui disciplinas extensionistas a partir do segundo ano do Curso, perfazendo um total de 340h até o 4º ano.

2 Professora Dra. Áyda Henrietta Zomer, a quem registro meus agradecimentos por compartilhar comigo seu trabalho e suas ideias durante o ano de 2024.

Neste ensaio, a participação discente está representada por duas acadêmicas³. Na troca de ideias, experiências, preocupações e inquietações, semana a semana, considerando o contexto exposto acima, nosso primeiro compromisso foi com o acolhimento dessas/es discentes, de modo que tanto quem chega do ensino médio quanto quem já tem uma graduação ou passou anos sem estudar e retornou à sala de aula na universidade pudesse ser recebido da forma menos abrupta possível, ou seja, de modo que a apresentação desta ementa e a proposição das primeiras atividades em sala de aula não desestimulassem as/os alunas/os ou causassem insegurança a elas/es.

Trata-se de uma etapa inicial que pode assustar ou levar à desistência logo no início do Curso, mesmo para estudantes que chegam com um histórico de afinidade com a linguagem escrita e orgulho da trajetória escolar. Veja-se que, ao apresentar e discutir a ementa da disciplina, outro desafio para nós seria mostrar ao grupo que os usos sociais da escrita e da leitura já são parte do cotidiano de todas/os nós como usuários da linguagem, uma vez que fazemos resenhas, resumos, relatos de experiência no dia a dia, e assim convencê-los de que descrever, analisar e discutir a materialidade linguística dos gêneros acadêmicos é uma das formas de ganhar familiaridade com esse ambiente, pertencer a esse espaço que, num primeiro momento, parece tão excludente e complexo.

Em um segundo momento, já como ponto de partida para o agenciamento das atividades letivas e de apropriação efetiva dessas manifestações de linguagem, nosso compromisso era o de fazer com que esse pertencimento não desvinculasse ou distanciasse cada acadêmica/o das suas práticas sociais, de modo que trouxessem seus conhecimentos e vivências para agregar às que seriam somadas ao repertório acadêmico em fase inicial de construção, para a maioria. Para tanto, a proposta era utilizar autobiografias e relatos de experiência como contextualização e busca de conexões para escolha de um tema de interesse pessoal de pesquisa, o qual já deveria compor uma justificativa para a escolha desse tema, por meio da própria história de vida de cada estudante ou relato de fatos marcantes que trariam como parte dos círculos de convivência social para serem compartilhados com as/os demais dentro da universidade. Ou seja, partir das “leituras de mundo”, para reverenciar o grande e onipresente mestre Paulo Freire e, depois ler, discutir e utilizar os gêneros acadêmicos, para dar maior sentido a esse diálogo, esse “coral de vozes” (Zavala, 2010).

3 Amanda Teixeira Scudlarek e Laura Bastos Ferreira, a quem agradeço por terem gentilmente cedido seus ensaios de avaliação final para compor as reflexões deste trabalho.

Em acréscimo, essa etapa de compartilhamento de autobiografias e relatos de experiências em rodas de conversa redonda em formas de apresentação e aproximação do grupo, ou seja, espaço e tempo para o grupo se conhecer melhor. Importante mencionar também que a preparação desse trabalho envolve planejamento por meio de atividades escritas, com elaboração de esquemas, resumos ou textos mais desenvolvidos. Torna-se, assim, uma forma de incentivar o vínculo e a organização das práticas acadêmicas, que começam a fazer parte do cotidiano de discentes, das demais práticas sociais que todas/os trazem consigo.

Pensando nos usos sociais da escrita em conexão com as relações de poder que se estabelecem por meio das práticas discursivas e vão configurando as identidades sociais, é preciso envolver o grupo em um compromisso orgânico para as práticas de leitura, interpretação e produção de gêneros acadêmicos, uma vez que, como sabemos, a maioria dos estudantes de primeiro ano não tem familiaridade com tais gêneros. Muitas vezes estes textos são apresentados a discentes quando estes chegam à universidade, de modo que, como já dito, sentem-se muito inseguros, sendo que alguns se autodeclaram incapazes de lê-los, interpretá-los e escrevê-los. Ou já os conhecem, mas consideram a leitura do gênero acadêmico cansativa, hermética, pouco atraente ou prazerosa.

Importante lembrar também que boa parte do público que o curso de Licenciatura em Letras recebe vem diretamente do Ensino Médio (EM) e está treinado para escrever redação de vestibular, de modo que tanto a saída do EM quanto a chegada no Ensino Superior vêm acompanhadas, mais uma vez, do sentimento ou da ameaça de exclusão dos variados contextos que reafirmam outras exigências da sociedade grafocêntrica na qual vivemos. Retomado de Correa (2009, 2011, 2014, 2017, 2021) com base em Britto (2008), os modos de representação, de organização e de estruturação social resultam de um processo que se fez historicamente com base na língua escrita, o que constituiu um pensar escrito. Poder ler e escrever, interagir com os textos escritos e com os conhecimentos e informações que se veiculam desta forma são práticas letradas vistas como condição essencial de participação social e estão abalizadas por hegemonias que reconstroem o (des)entendimento sobre língua.

Esses letramentos podem ser compreendidos como práticas que derivam de eventos mediados por textos escritos. Numa dimensão mais visível e observável, os eventos de letramento englobam a situação concreta de interação, os participantes, o material escrito e as interações verbais em torno desse material escrito (Heath, 1982; Marinho, 2010). Numa dimensão mais abstrata, as práticas de letramento dão conta dos eventos moldados

e (re)configurados por valores, crenças, ideologias, modelos sociais, identidades e atitudes, ou seja, por significados que os participantes constroem, a partir do contexto cultural e institucional em que estão situadas a leitura e a escrita (Hamilton, 2000; Street, 2000). (LEITE; PEREIRA, 2021, p. 5).

Da mesma forma, vemos que atos de fala reiterados compõem as hegemônias sobre língua trazidas por Pinto (2012, 2014), as contradições que, de um lado, mantêm e sustentam essas hegemônias sobre a unidade linguística, a preponderância da escrita em detrimento da fala e a correspondência linear entre língua, escrita e cognição. De outro lado, reconhece-se que essas hegemônias não condizem com as mudanças do mundo moderno, principalmente se levamos em conta os modos de interação preponderantes em tempos nos quais vivemos, entre fartas informações que circulam em textos.

Nesse sentido, é preciso repensar a escrita para além dos modelos tradicionais de estudos, para além das relações entre fala e escrita e para análises que não estejam atreladas unicamente a práticas particulares de interação, uma vez que, dessas, nós já conhecemos boa parte das eficiências e deficiências e temos evidências de que continuar fazendo as discussões somente sob tais bases é insuficiente (Correa, 2011).

Estamos falando de gerações que têm outros estímulos, interesses e tempo de concentração ou foco para leitura e estudo, além de uma gama de gêneros textuais híbridos e modos de interagir disponíveis, ou seja, outras fontes acessíveis que ressignificam constantemente as relações com leitura, interpretação e escrita de textos, sejam essas relações construtivas, ou não. E, assim, a linguagem digital proporciona reconfigurações de formas de ler textos e interagir por meio deles. Essas configurações vão muito além das que temos com textos impressos ou verbais, ou seja, das práticas de leitura e escrita ligadas ao grafocentrismo. E essas novas práticas de leitura reafirmam a necessidade da formação crítica, uma vez que, num efeito dominó, tais práticas podem ratificar aquelas que objetivam a exclusão social (Correa, 2019). Aí entram em cena os letramentos de resistência, não só no espaço acadêmico e escolar, mas como tarefa constante, incansável e necessária em todos os espaços de interação social.

O pensamento crítico (...) parte, não de convicções já formadas e, menos ainda, ideologias já assumidas e abraçadas, mas de uma posição de que as coisas sempre merecem ser revisitadas com novos olhares. Os fenômenos, há muito tempo identificados e rotulados, podem e merecem ser enquadrados de novas maneiras, trazendo novas perspectivas que isso inevitavelmente exige de nós. (...).

O pensamento contido no parágrafo acima pode ser considerado um pequeno resumo do que trata o 'letramento de resistência'. Pela 'resistência' se entende a recusa de aceitar passivamente a leitura dominante ofertada por quem quer que esteja no mando que não só disponibiliza os textos para serem consumidos, mas também a leitura, a interpretação, dos mesmos - como se fossem as únicas possíveis e autorizadas. O letramento de resistência promove e encoraja a detecção de fendas e fissuras nas leituras que são impostas sobre nós como as únicas legítimas, fendas e fissuras essas que, quando devidamente exploradas, revelam planos secretos engenhosamente elaborados que apenas servem interesses inconfessáveis de determinados grupos em detrimento dos interesses da grande maioria. (Rajagopalan, 2021, p. 11).

Considerando os letramentos de resistência no ambiente acadêmico, o leque de opções disponibilizado pelo uso das tecnologias traz consigo a necessidade premente de qualificar o que se lê, uma vez que boa parte das informações veiculadas não são confiáveis e aí entra na pauta a discussão sobre as *fakes news* e os efeitos destas como atos de fala reiterados (Rajagopalan, 2014), escritos performativos que vão (re)construindo identidades à medida que são ressignificados (Correa, 2019).

Em nossos tempos, marcados pela confecção e propagação desenfreadas de fake news, criminosamente conduzidas em escala exponencial com intenção explícita de desviar atenção do público incauto e incapacitá-lo para enxergar a verdade das coisas, incumbe ao cidadão bem-intencionado recorrer a uma consciência crítica do que está acontecendo ao seu redor. A consciência crítica à qual estamos nos referindo não é algo que precisa ser inventado. Nem se trata de algo da qual sempre estivemos totalmente ignorantes. (Rajagopalan, 2021, p. 8).

Essa consciência crítica precisa ser sempre reivindicada com o devido cuidado para não se considerar críticos os pontos de vista e pensamentos binários, impositivos ou não passíveis de discussão. Assim, a chamada organicidade para leitura que pode diminuir o sentimento de exclusão em relação a esses letramentos está diretamente relacionada ao acesso a informações e não se pode desconsiderar a facilidade e a rapidez com que as pessoas, em especial as gerações mais novas, alcançam tais informações, notadamente em tempos de acirradas polêmicas em torno de *big techs* "definindo" acesso a "conteúdos".

E então entramos em outra etapa de discussão dos usos sociais dos textos, uma vez que a prática de fazer pesquisa precisará de um trabalho criterioso no sentido de orientar a busca, a recepção, a avaliação e a validação dessas infor-

mações ou dados coletados sobre o tema de estudo. Uma recomendação que sempre levo para a sala de aula é a de que o leitor sagaz deve investir seus esforços nas dúvidas e questionamentos acerca das informações que recebe, buscando-as sempre em mais de uma fonte para considerá-las confiáveis ou procedentes. Ou seja, o leitor insatisfeito, que refuta e questiona, deve preceder o leitor ágil. Mesmo porque, no ano seguinte, todas/os estarão envolvidas/os com ações extensionistas, preferencialmente derivadas de seus interesses de estudo⁴, de modo que já agenciarão ações como professor/ pesquisador/ extensionista em formação inicial.

É válido destacar que a inserção das ações extensionistas na matriz curricular dos cursos de graduação é uma forma de expandir e consolidar práticas acadêmicas integradas de extensão, ensino e pesquisa. Trata-se de um avanço que envolve toda a comunidade acadêmica, direta ou indiretamente, em novas experiências de aprendizagem, uma vez que promove a troca de conhecimentos, saberes e fazeres e, principalmente, traz demandas de variados setores da sociedade. Nos cursos de Licenciatura, a curricularização da extensão pode criar modos de interação entre professores em formação inicial e continuada, e fortalecer os vínculos entre a universidade, a educação básica e a sociedade. Da mesma forma, essas ações como prática curricular impulsionam e alimentam a função social das universidades, seja por meio da participação em cursos, eventos, prestação de serviços, projetos, ou de programas de extensão⁵.

Nas nossas experiências de trabalho do ano de 2024, considerando o uso dos algoritmos⁶ e os modos de interação disponibilizados pelo uso das tecnologias como recursos “aliados” no desdobramento dos critérios para obter informações ou busca de fontes de estudo e pesquisa confiáveis, tematizamos, entre outros, o ChatGPT para discutir o uso da inteligência artificial para busca de

4 A partir do segundo ano, acadêmicas/os do Curso de Licenciatura em Letras fazem “Extensão como Componente Curricular” por meio da oferta da disciplina: Projetos Integrados de Prática e Extensão I (68h). Nos dois anos seguintes, a disciplina é homônima e é ofertada com carga horária de 136h cada uma, perfazendo 340h ao longo do curso.

5 No ano de 2024, criamos o CETRI - Centro de estudos transdisciplinares interinstitucional e integrado em extensão, pesquisa e ensino (CETRI): práticas de linguagem e formação colaborativa. Trata-se de um programa de extensão vinculado ao Departamento de Estudos da Linguagem da UEPE que tem por objetivo fortalecer ações extensionistas inter e transdisciplinares, expandindo-as por meio de parcerias com outros Programas de extensão, tais como o “Viva a palavra” (UECE), coordenado pela Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, o LET - Laboratório de estudos do texto (UEPE), coordenado pela Profa. Dra. Letícia Fraga, entre outros.

6 Para entender melhor o tema, recomendo a leitura de Pinto e Vallada (2024).

instruções, consultas, leitura, elaboração de textos e outros atalhos considerados “facilitadores” e “agilizadores” para execução dessas tarefas. Nossa experiência mostrou que se trata de um recurso cuja problematização e até mesmo a elaboração de atividades em sala de aula podem trazer uma discussão bem produtiva em torno da questão autoral, estilo de escrita, entre outros aspectos.

Com efeito, não é o caso de desconsiderar, desdenhar ou, no outro extremo, adotar incondicionalmente determinados pontos de vista ou metodologias de trabalho em detrimento de outras. Para se pensar em operações mentais, sociais e intelectuais que estejam além daquelas que conhecemos e (acreditamos que) dominamos, é preciso levar em conta que “ser letrado” implica considerar, conhecer os (ou parte dos) modos de se pensar na escrita (Correa, 2011). Ou melhor, os modos de se repensar a escrita. Nesse sentido, é de fundamental importância lembrar que os textos não são mais apresentados em formato linear, mas como “configuração simultânea de escolhas” (Harris, 2000).

Zavala (2010) nos traz que, na perspectiva interdisciplinar dos estudos do letramento, concebe-se leitura e escrita como sistemas simbólicos enraizados na prática social, inseparáveis de valores sociais e culturais, e não como habilidades descontextualizadas e neutras, voltadas para a codificação e decodificação de símbolos gráficos. No entanto, a autora ressalta que os pesquisadores do letramento acadêmico argumentam sobre a necessidade de se ter mais que habilidades para resolver alguns dos problemas que os estudantes enfrentam na leitura e escrita acadêmicas. Citando Ivanic (1998), Zavala reitera que muitos estudantes concebem este letramento acadêmico como uma espécie de “jogo” que lhes pede que assumam uma identidade que “não sou eu” e que não reflete a imagem que têm de si mesmos. Portanto, os conflitos e os mal-entendidos que emergem entre estudantes e formadores em relação ao tema letramento acadêmico não se restringem simplesmente à técnica da escritura, às habilidades ou à gramática, mas a aspectos que estão relacionados com a identidade e a epistemologia.

Outro viés importante encontramos no livro **Arte que Inventa Afetos**, em que Gorczewski (2015), como organizadora, mostra-nos se tratar de uma escrita-livro que propõe dar atenção aos processos inventivos e ao que pode a arte como resistência. Resistir, neste caso, recebe outro sentido distinto do tradicional modo de entender esse termo – como oposição entre forças, investindo na polarização e nos binarismos, ou ainda como ideia de não ceder, não desistir de algo. “E o que é resistir? Criar é resistir [...]. Criar é resistir efetivamente” (Deleuze; Parnet, 2004 *apud* Gorczewski, 2015). Então, nesta perspectiva, o verbo resistir é entendi-

do como ato de criar mais perguntas que respostas, provocar encontros no entre das linhas que insistem em separar a cidade e a universidade, mobilizando afetos potentes, inventando outros mundos e afirmando a estética, a ética e a política da diferença.

Pensamento crítico é algo absolutamente vital para a formação de um cidadão na plenitude de suas potencialidades. A escola tem um papel fundamental nessa tarefa. Pois, é na escola que a criança pode ser encorajada para pensar livremente, para aprender a voar com asas próprias. Porém, a escola também pode vir a ser o lugar onde mais se abafa a curiosidade natural da criança, amordaçando-a e esmagando qualquer esperança de que ela se transforme um dia numa cidadã que pensa e que é capaz de participar efetivamente na formulação de políticas de governança, de vigiar, monitorar e avaliar decisões tomadas em nome dela por aqueles que se encontram encarregados de fazê-lo. Ou seja, a esperança mora lado a lado com o perigo de descuido e suas consequências. (Rajagopalan, 2021, p. 11).

2 O olhar discente e a construção do protagonismo coletivo

Sobre mobilização de afetos potentes e o pensamento livre, a acadêmica Amanda Scudlarek não planejava cursar Letras e, sim, Direito, pois os pais trabalhavam e ela era cuidada pelos avós. Assim, imaginava ser uma maneira de dar orgulho a eles. Com a perda dos avós, ela, que sempre gostou de escrever, criou uma barreira que dificultava escrever e se expressar. Como observado, a chegada ao Curso de Letras, inicialmente, não facilitou muito seu processo de inclusão acadêmica.

Mas nem tudo termina como o planejado, no final de 2020 meus avós acabaram falecendo e eu fiquei sem rumo por um tempo. Eu, que sempre amei escrever, acabei sentindo como se uma barreira se criasse em minha mente, me dificultando escrever e me expressar. No final de 2023 eu acabei escolhendo Letras mais pelo Inglês do que por outra coisa e quando a disciplina de Letramentos acadêmicos foi apresentada eu me senti um pouco intimidada devido àquela barreira que ainda estava presente em mim. (Scudlarek, 2024, manuscrito).

Para entender melhor a forma como Amanda foi traçando sua trajetória na disciplina, é importante mencionar que os docentes dos primeiros anos têm feito um esforço coletivo no sentido de compartilhar as indicações bibliográficas entre as disciplinas da série por duas razões. A primeira diz respeito à sobrecarga

de leituras, que pode desestimular ou inviabilizar o acompanhamento das aulas e levar à desistência do Curso. A segunda razão é que, uma vez compartilhados os textos, cada disciplina pode trazer diferentes vieses de discussão, de modo que a qualidade das leituras melhora, as abordagens se ampliam e todas/os podemos ter, por meio das releituras dos textos, olhares novos ou ressignificados. Assim, a disciplina de Letramentos acadêmicos tem mais uma tarefa, que é a de potencializar as leituras desses textos, propondo fichamentos, resenhas e resumos, e estimulando as pesquisas intertextuais e interdisciplinares.

(...) os conhecimentos de metodologia científica, tanto no contexto da iniciação científica, (...) quanto, por extensão, na perspectiva do currículo obrigatório dos cursos de graduação, devem ser tematizados no âmbito da própria área do conhecimento e para além de uma disciplina específica (de metodologia científica, por exemplo), haja vista sua condição de elemento central no fazer científico e na formação do pesquisador iniciante. Isso revela a necessidade de se desenvolverem programas, práticas ou projetos de letramento acadêmico que levem em conta conhecimentos mais específicos (como características do campo de estudo e suas formas de fazer ciência) conjuntamente a outros mais gerais, que garantam uma compreensão holística do que é a ciência, seu fazer e suas implicações sociais. (Leite; Pereira, 2021, p. 24).

E assim, para escolher seu tema de estudo, Amanda relata, em sua autobiografia, que se inspirou em bell hooks, especificamente por meio da leitura do livro *Ensinando o pensamento crítico* (2020), já que o livro provocou nela reflexões sobre como professores têm um grande papel no desenvolvimento de uma criança e como ela própria gostaria que seus professores tivessem pensado um pouco mais como hooks. O livro foi uma indicação da disciplina de ‘Relações étnico-raciais, gênero e sexualidade’.

Durante a escolha do meu tema, eu pensei no livro (...) de bell hooks (...) estudado na mesma semana. Foi por isso que meu tema foi a escrita criativa no desenvolvimento infantil, foi pensando na minha própria dificuldade e o quanto teria sido mais fácil se a escrita tivesse sido abordada de maneira mais livre que prossegui com esse tema ao longo do ano. (Scudlarek, 2024, manuscrito).

Por sua vez, Laura Bastos inicia seu ensaio também ressaltando que, desde a infância, a escrita sempre teve grande significado na sua vida.

O processo de escrita para muitos pode ser visto como algo interpessoal,

feito somente para seguir suas normas, regras gramaticais, estrutura e desenvolvimento, entretanto, para outros, esse processo pode ser bem mais profundo do que aparenta ser. (...) gostaria de compartilhar o quanto o ato de escrever tem um grande significado para mim. Desde a minha infância eu compartilhava com o papel tudo aquilo que vivia em minha mente, não lembro exatamente por qual razão e como isso começou, mas desde então nunca parei com esse hábito. (Bastos, 2024, manuscrito).

Retomando mais uma vez as atividades coletivas realizadas na disciplina que redundam em reflexões sobre histórias de vida, escolhas individuais e aproximações entre elas, quando compartilhadas em suas primeiras versões, as autobiografias trazem olhares totalmente subjetivos, abordagens instigantes e peculiares sobre si e o mundo. Somente com o desenvolvimento da disciplina é que tais versões dialogarão com vozes oriundas de pesquisas já realizadas ou de outras experiências com as quais os autores e autoras das autobiografias possam interagir. Mais uma vez, retomo a importância de se mobilizar o “coral de vozes” presente em Zavalla (2010), as quais, posteriormente, irão somar-se às epistemológicas e metodológicas para constituir um gênero acadêmico. Nas palavras de Laura Bastos:

Durante a disciplina de Letramentos Acadêmicos, em meio a uma atividade, ouvi diversos relatos e histórias de acontecimentos ou coisas que de alguma forma marcaram cada um. Eles conseguiram transformar essas experiências em um trabalho acadêmico, como também conseguiram transmitir seus sentimentos sobre ele.

Particularmente, eu acho isso um ato bastante simbólico, escrever sobre algo marcante e ter coragem de mostrar isso ao mundo, para as pessoas. Em meu caso, a escrita é algo bastante particular, íntimo e até mesmo terapêutico, como um amigo de infância que me viu crescer, verbalizar pensamentos e sentimentos não é difícil quando você transforma isso em um hábito, mas falar sobre eles em voz alta e compartilhá-los pode ser assustador. Mas durante aquela atividade eu pude ver o quanto isso pode afetar ao espectador, de diversas formas diferentes. (Bastos, 2024, manuscrito).

Sobre o envolvimento da comunidade acadêmica na implantação do currículo de Licenciatura em Letras e a forma como a disciplina de Letramentos acadêmicos pode incentivar o envolvimento de discentes e o protagonismo destes como docentes em formação inicial que já podem planejar e agenciar atividades de pesquisa e de extensão, é importante reiterar o compromisso orgânico da formação leitora/crítica para potencializar os usos sociais dos textos e a ampliação destes, por meio dos gêneros acadêmicos. Nesse sentido, como já dito, esse com-

promisso orgânico com as leituras, a busca, a qualificação e a organização das informações relevantes e atividades decorrentes intensifica os efeitos produtivos e configura, efetivamente, letramentos acadêmicos como letramentos de resistência.

Tinha medo de não ter evoluído o suficiente, eu não escrevia para as escolas ou para algum público, somente para mim. Obviamente ninguém nasce dominando qualquer habilidade, mas eu particularmente tenho a tendência de ser bastante crítica.

Ao decorrer do ano, passei a desenvolver minha escrita para o meio acadêmico, coisa que percebi não ser nada fácil, mas percebi que em nenhum momento eu passei a deixar de lado da forma de me expressar. Eu não gostava de escrever artigos, admito, mas também não era completamente ruim. Logo passei a observar que desenvolver sua escrita para outros meios mais formais, não significa perder sua individualidade ou deixar de transmitir aquilo que sente pelas palavras. (Bastos, 2024, manuscrito).

E, mais uma vez, podemos observar, pelos excertos do ensaio de Laura Bastos, que o letramento acadêmico é um processo que muitas vezes não se inicia de forma amistosa, mesmo para quem tem a linguagem escrita como grande aliada, ou melhor, como parte de sua construção identitária e trajetória de vida.

Considerações finais

Para concluir, por ora, esta discussão, é importante informar que durante o ano de 2024 os índices de evasão diminuíram consideravelmente em relação ao ano de 2023 – numa média aproximada de 20% de acadêmicas/os que iniciaram, mas não concluíram a disciplina. O acompanhamento individual, as orientações, as refacções das atividades a partir de análises e comentários discutidos individualmente podem ter ajudado bastante no desenvolvimento do trabalho. Mas seguramente, mesmo no primeiro ano do curso, o sentido que cada discente pode dar à sua permanência no Curso, por meio de suas próprias escolhas e da construção estruturada de uma proposta de estudo, ainda que incipientes e passíveis de mudanças, traduz a relevância das vozes que não podem ser ignoradas.

Considerando que nossa experiência mostrou possibilidades de formação acadêmica/humana e opções teóricas e metodológicas que permitem letrar-se academicamente sem assumir essa identidade do “não eu”, conforme disse Zava-la, a base desse letramento deve ser o direito e a capacidade que todas/os temos de pensar e nos expressar livremente. Nesse sentido, como já dito, estudantes

devem ser estimulados, como leitores, a sempre questionar o que leem, indagar, não se dar por satisfeito, num primeiro momento, para assim buscar confirmações, conhecimento e ampliação de pontos de vista. São exercícios para buscar convergências entre interesses pessoais e as possibilidades que as práticas acadêmicas, sociais e educacionais podem proporcionar, ainda que elas possam ser oriundas de divergências. Por conseguinte, como leitores de mundo, poderemos encontrar formas muito mais produtivas de trabalhar com conhecimentos teóricos e empíricos, buscando alinhamento destes com diversos saberes e fazeres, constituindo-nos assim como letrados com resistência.

Neste conjunto de práticas, cujo ponto de partida deve ser sempre a criação, o interesse pessoal, a iniciativa sobre essa escolha, a justificativa espontânea, o protagonismo, a resistência como forma de pertencimento e também como agenciamento das práticas acadêmicas compartilhadas com práticas sociais e educacionais, toda essa recomposição de conhecimento se reconstrói num continuum alimentado pelos afetos, que orientam, ou deveriam orientar, as nossas escolhas, a construção da nossa identidade acadêmica e, por conseguinte, nossas reflexões sobre nossas identidades sociais. Assim, os letramentos de resistência têm seu lastro construído por meio da busca pelo pertencimento e este, por sua vez, se constrói quando conseguimos aliar sonhos a projetos. Desse modo, os letramentos acadêmicos podem ser uma das formas de se alinhar letramentos de resistência com projetos de vida.

Referências

BASTOS, L. F. **A escrita e a vivência**. 2024. Manuscrito.

BRITTO, L. P. L. Educação linguística escolar: para além das obviedades. *In*: CORREA, D. A.; SA-LEH, P. B. O. (Org.). **Estudos da linguagem e currículo de Letras: diálogos (im)possíveis**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2008.

CORREA, D. A. Aspects of writing and identity. **Language Sciences**, Oxford, v. 33, p. 667-671, 2011.

CORREA, D. A. Práticas linguísticas e ensino de língua: variáveis políticas. *In*: CORREA, D. A. (Org.). **Política linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes, 2014. p. 21-37.

CORREA, D. A. Política linguística e ensino de língua. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 07, p. 69-75, 2009.

CORREA, D. A.; PRADO, S. A. C. Language policy and language teaching: conditions of adaptability. *In*: SILVA, D.; MEY, J. (Org.). **The Pragmatics of Adaptability**. 1. ed. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2021. p. 325-342.

CORREA, D. A. Sobre o protagonismo na linguagem escrita e novos modos de interação. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, p. 641-661, 2017

CORREA, D. A. Vulnerabilidade social, desafios epistêmicos e conhecimentos rivais: por diálogos mais horizontais. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 58, n.1, p. 1-18, jan./abr. 2019.

GORCZEWSKI, D.. Apresentação. Um convite aos afetos. *In*: GORCZEWSKI, D.. (Org.). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2015

HARRIS, R. **Rethinking writing**. London: Continuum, 2000.

LEITE, E. G.; PEREIRA, R. C. M. Práticas de letramento acadêmico na construção do pertencimento de alunos de iniciação científica a comunidades de prática: uma análise a partir de relatórios de pesquisa. **DELTA**, São Paulo, 37-3, 2021.

PINTO, J. P. Hegemonias, contradições e desafios em discursos sobre língua no Brasil. *In*: CORREA, D. A. (Org.). **Política linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes, 2014. p. 59-72.

PINTO, J. P. Modernidade e diferença colonial nos discursos hegemônicos sobre língua no Brasil. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 1, p. 171-180, 2012.

PINTO, J. P.; VALLADA, A D. Alguma coisa está fora da nova ordem interacional? Interação e mobilidade textual em infraestruturas digitais. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 25, p. 1-21, 2024.

RAJAGOPALAN, K. A pesquisa política e socialmente compromissada em pragmática. *In*: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 101-128.

RAJAGOPALAN, K. O fomento do pensamento crítico para a formação de cidadãos responsáveis: um desafio e tanto. Prefácio. *In*: COSTA, R. D. C.; SANTOS, E. C.; SILVA, K. A. (Org.). **Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente**. 1. ed. Campinas: Editora da ABRALIN, 2021.

SCUDLAREK, JA. T. **Apresentação**. 2024, Manuscrito.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. Tradução de Luanda Sito e Marília Curado Valsechi. *In*: VOVIO, C.; SITO, L.; DE GRANDE, P. (Org.). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

Sobre a autora

De Antonucci Correa - Doutora em Filologia e Linguística Portuguesa. Professora pesquisadora e extensionista do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa – PR. E-mail: djane@uepg.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1024484498585527>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7908-8695>.